

O ATELÊ DE GRAVURA COMO MATRIZ FORMATIVA: VIVÊNCIAS E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ARTISTA-PESQUISADORA-PROFESSORA

KARINE CAVALHEIRO DE LIMA¹; RAQUEL AZAMBUJA SANTOS²

¹Universidade Federal de Pelotas – karinecavalheirodelima@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – raquel.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa está situada no campo da Arte-Educação e analisa como a vivência em ateliês universitários, com foco no Ateliê de Gravura da UFPel, contribui para a formação de uma identidade docente, artística e investigativa. O estudo parte de uma experiência pessoal da autora, no curso de Artes Visuais Licenciatura (AV-Lic) e do diálogo com o referencial teórico pesquisado, utilizando uma metodologia artográfica.

O ateliê, além de espaço de produção artística, assume papel formativo, ligando saberes disciplinares à prática profissional (TORRES; LARA, 2019). Essa vivência promove pertencimento à classe artística, fomenta a atualização cultural e influencia práticas pedagógicas. A gravura, como prática que parte da matriz e privilegia o processo (KANAAN, 2016), torna-se metáfora e prática para compreender percursos formativos.

A problemática central da pesquisa é como a vivência no Ateliê de Gravura contribuiu para a constituição de um percurso formativo, articulando prática artística, docência e pesquisa. Com objetivos específicos pretende-se: (I) elaborar uma reflexão teórica sobre essa constituição identitária; (II) caracterizar o Ateliê de Gravura como espaço educativo; (III) mapear registros pessoais de minha experiência em gravura.

A investigação se desenvolve no âmbito de Trabalho de Conclusão de Curso, vinculado também ao Projeto Primeiras Impressões, que busca qualificar a atuação profissional de discentes da Licenciatura através de atividades em pesquisa, ensino e extensão na área de artes gráficas, e também tem colaboração do Programa de Educação Tutorial (PET) Artes Visuais.

A gravura é uma técnica de expressão artística obtida a partir da impressão de uma imagem proveniente de uma matriz em madeira, metal, pedra ou outros materiais sobre um suporte como papel ou tecido (HERSKOVITS, 1986). No curso de AV-Lic, o primeiro contato com essa prática ocorre na disciplina obrigatória *Introdução à Linguagem Gráfica*, ofertada no quarto semestre. Foi nesse período que conheci o ateliê e as artes gráficas, despertando maior interesse pela gravura. A partir disso, tornei-me monitora, passando a frequentar o espaço não apenas para auxiliar outros alunos, mas também para produzir artisticamente e desenvolver pesquisas, percebendo a influência dessa vivência nas minhas práticas docentes fora do ateliê.

Conforme aponta COSTELLA (2018), a palavra matriz deriva do latim *mater* (mãe), aquilo que dá nascimento aos múltiplos, se reproduz. Nesse sentido,

o ateliê pode ser compreendido como matriz para experiências formativas que articulam docência, criação e pesquisa.

A investigação se justifica ao considerar o ateliê de gravura como um espaço de experimentação teórica e prática, favorecendo abordagens que valorizam o acaso e a descoberta no processo criativo, além da criação de vínculos através da pesquisa, experimentação e construção de materiais e métodos alternativos.

2. METODOLOGIA

Para atender aos objetivos propostos, esta pesquisa se caracteriza em uma abordagem qualitativa que, segundo ALVES (1991), foca na compreensão aprofundada dos significados que os sujeitos atribuem às suas experiências, onde o pesquisador é um participante ativo que influencia o processo. O percurso metodológico está fundamentado na artografia, uma prática de Pesquisa Educacional Baseada em Arte (PEBA). A artografia (por vezes grafada como a/r/tografia) sintetiza as figuras do artista, pesquisador e professor, propondo relações entre o fazer artístico e a produção de conhecimento. Essa abordagem valoriza processos híbridos que integram texto e imagem, compreendendo que a prática de educadores e artistas é, em si, uma fonte de investigação (DIAS, 2023).

Neste estudo, busco compreender sentidos e trajetórias formativas a partir de reflexões e experiências no ateliê de gravura, utilizando uma narrativa e relato pessoal. Essa construção tem como base registros fotográficos do ateliê, processos criativos, oficinas, feiras e intervenções artísticas em que estive envolvida nos semestres de 2021/1 a 2025/2, além de materiais gráficos produzidos, anotações em diário de bordo, e documentos pessoais como planos de aula e portfólios. Segundo LAMPERT; NUNES (2014), tais registros servem não apenas como arquivo, mas como dispositivo de autorreflexão para desvios metodológicos e construção de experiências subjetivas.

Para fundamentar a pesquisa e o relato, trarei inicialmente autores para dialogar com as três principais áreas que interessam para análise, ou seja, os desdobramentos da docência, criação e prática artística relacionadas à experiência de ateliê universitário. A reflexão sobre a prática criativa será buscada em John Dewey (1934), que entende a arte como experiência, e por arte-educadoras como Fayga Ostrower (1999) e Helena Kanaan (2016), que valorizam a investigação dos desvios no processo da gravura contemporânea. Rita Irwin e Belidson Dias (2023) são autores que também discorrem sobre as dimensões da tríade de atuação em ser artista-pesquisador-professor através da artografia como metodologia de pesquisa no campo das artes.

Para o mapeamento do percurso com registros pessoais em gravura, uma análise de caráter qualitativo-interpretativo será realizada em etapas. Primeiramente, será feita a coleta e organização do material, sistematizando os registros em categorias como: práticas de ateliê, processos formativos, experiências docentes e sentidos atribuídos à gravura. Em seguida, os materiais serão agrupados conforme a natureza: visuais (gravuras e fotografias), textuais

(diário de bordo, planos de aula e anotações do processo criativo) e narrativos (relatos pessoais).

A descrição e interpretação desses materiais ocorrerá em diálogo com os referenciais teóricos selecionados. As imagens serão relacionadas a autores que discutem processos criativos e referências artísticas, enquanto as narrativas serão articuladas a experiências compartilhadas por arte-educadores e artistas que também refletem sobre a vivência em educação.

Por fim, a integração e análise desse conjunto de registros permitirá a emergência de categorias interpretativas, capazes de evidenciar a constituição do Ateliê de Gravura como matriz formativa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sendo esta uma pesquisa em andamento, esta seção se dedica a apresentar o desenvolvimento do trabalho até o momento. A organização cronológica dos registros desde 2021, passando pela atuação como monitora de gravura e pela participação no Programa de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e estágios, evidencia um trajeto onde a prática no ateliê se multiplicou para a prática docente, influenciando atividades de ensino com gravura experimental e de forma adaptada a escola.

Nesta análise também de produção artística, é possível visualizar o ateliê não apenas como local de prática, mas como objeto de investigação poética. A produção de litografias alternativas a partir das fotografias do próprio ateliê, por exemplo, materializa a metodologia artográfica: o ato de pesquisar e o de criar se fundem; o espaço de trabalho torna-se, ele mesmo, uma matriz. A discussão em torno deste ato criativo dialoga diretamente com KANAAN (2016), que defende a gravura mais como processo do que como busca pela obra final, e com BLAUTH (2010), que vê a matriz como um lugar de memória impregnada de texturas e marcas.

A análise dos diários de bordo, em consonância com LAMPERT; NUNES (2014), tem permitido articular as vivências na gravura com as atividades docentes. Observa-se que a experimentação com materiais alternativos no ateliê reverberou diretamente na elaboração de oficinas e diálogos nas aulas de monitoria, favorecendo experiências com materiais e trazendo resultados satisfatórios para os alunos.

Observa-se que o percurso no ateliê foi determinante não apenas para a prática artística, mas também para a docência e pesquisa, confirmando a hipótese central desta investigação.

4. CONCLUSÕES

Este estudo, ainda em desenvolvimento, evidencia que o ateliê, enquanto espaço de criação e reflexão, ultrapassa a dimensão técnica e se configura como um território formativo que contribui para currículos mais integrados e para a formação de artistas-pesquisadores-professores críticos e reflexivos.

A principal contribuição que se espera com esta pesquisa é oferecer uma análise sobre como os espaços de prática artística na universidade podem ser significativos na formação de licenciandos em Artes Visuais. A inovação do trabalho reside em utilizar a própria trajetória formativa como estudo de caso, demonstrando, a partir do percurso vivido, como teoria e prática se entrelaçam e como a identidade profissional se constrói de modo complexo, fluido e contínuo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, A. J. O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 77, p. 53–61, 1991. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1042>. Acesso em: 06 ago. 2025.

BLAUTH, L. Gravura contemporânea: gravações e impressões entre cheios e vazios. **Revista Científica/FAP**, Curitiba, v. 5, n. 1, 2010. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/revistacientifica/article/view/1572>. Acesso em: 06 ago. 2025.

COSTELLA, A. F. **Introdução à gravura e à sua história**. 2. ed. Campos do Jordão: Editora Mantiqueira, 2006.

DEWEY, J. **Arte como experiência**. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DIAS, B.; IRWIN, R. L. (Org.). **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. 2. ed. Santa Maria: Editora UFSM, 2023.

HERSKOVITS, A. **Xilogravura, Arte e Técnica**. 1. ed. Porto Alegre: Editora Tchê!, 1986.

KANAAN, H. **Impressões, acúmulos e rasgos: procedimentos litográficos e alguns desvios**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

LAMPERT, J.; NUNES, C. Entre a prática pedagógica e a prática artística: Reflexões sobre Arte e Arte Educação. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria, v. 7, n. 3, 2014. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=337032941007>. Acesso em: 08 jun. 2025.

OSTROWER, F. **Acasos e criação artística**. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

TORRES, R.; LARA, P. M. A vivência no ateliê como parte do processo de formação docente em Artes Visuais. **Revista Tuiuti: Ciência e Cultura**, Curitiba, v.6, n. 59, 2019. Disponível em: <https://homolog-sites.utp.br/index.php/h/article/view/2322>. Acesso em: 06 ago. 2025.